Mário Ypiranga Monteiro

GRANDEZAS E MISÉRIAS DA HISTÓRIA DO AMAZONAS

A renúncia do dr. Fileto Pires Ferreira

EDIÇÕES NHEENQUATIARA

4

MANAUS 1986

MÁRIO YPIRANGA MONTEIRO, filho de Francisco Monteiro e dona Maria de Sousa Monteiro, nasceu em Manaus, capital do Estado do Amazonas, a 23 de janeiro de 1909. É bacharel pela Faculdade de Direito do Amazonas e Professor titular de Literatura Amazonense, na Universidade do Amazonas.

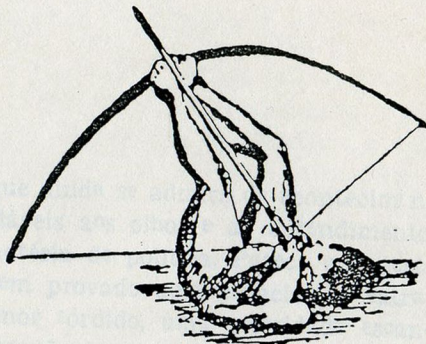
Começou a escrever em 1927 no jornalzinho de combate *Alvorada*, quando ainda aluno do Ginásio Amazonense.

Detido duas vezes na polícia civil por causa daquele jornal e do *Voz do Operário*, o foi outras vezes como redator dos jornais *12 de Agosto* e *Correio de Manaus*.

Entre as obras principais do escritor amazonense contam-se: TEATRO AMAZONAS (3 volumes), HISTÓRIA DA CULTURA AMAZONENSE, O REGATÃO, ROTEIRO DO FOLCLORE AMAZONENSE (2 tomos publicados), CULTO DE SANTOS & FESTAS PROFANO-RELIGIOSAS, CRISTOVÃO COLOMBO, FATOS DA LITERATURA AMAZONENSE, FASES DA LITERATURA AMAZONENSE, ANTROPOGEOGRAFIA DO GUARANÁ, A CATEDRAL METROPOLITANA DE MANAUS, O AGUADEIRO, ROTEIRO HISTÓRICO DE MANAUS, HISTÓRIA DO MONUMENTO À PROVÍNCIA, DANÇAS FOLCLÓRICAS SINGULARES DO AMAZONAS, FUNDAÇÃO DE MANAUS e CARROS & CARROÇAS DE BOIS.

Além dessa obras maiores o autor publicou pequenos estudos históricos, geográficos, folclóricos, ensaios e poemas.

A renúncia do dr. Fileto Pires Ferreira

Este trabalho foi publicado no jornal amazonense A GAZETA, edições de 2 a 8 de junho de 1962. Por ser facsimilada a edição presente aparece na ortografia anterior.

Ex-Libris
de
Mário Ypiranga Monteiro

Muita gente há que ainda se admira de acontecimento de coisas desagradáveis aos olhos e ao entendimento, principalmente em matéria de política. Parece que neste objeto o Amazonas tem provado uma capacidade extraordinária para o humor sórdido, uma prioridade escandalosa, a ajuizar da sequência de exemplos. Um dos fatos mais curiosos da nossa história política é o que se refere particularmente ao ato de renúncia do dr. Fileto Pires Ferreira, governador eleito e empossado para o quatriênio de 23 de julho de 1896 a 23 de julho de 1900. Capitão Fileto, como era geralmente tratado, entrou para a política amazonense muito cedo, no alvor dos anos. Começou portanto em plena puberdade a manter relações indecorosas com essa reles e desacreditada marafona que se chama dona política e sob cuja proteção esquálida se processam tôdas as ignomínias confessáveis. O tenente do exército Fileto Pires, "capitão" para os seus admiradores, ensaiou-se como substituto eventual do astuto dr Eduardo Gonçalves Ribeiro, êsse mesmo de quem se costuma dizer, sem muito espírito de convicção, tenha sido um exemplo de honestidade, de respeito, de cultura, de capacidade de trabalho, de patriotismo etc. Fileto Pires era o pupilo do dr. Eduardo Ribeiro. Talvez o moço tenente fôsse a certos respeitos superior ao chefe político, talvez mais culto, mais requestado. Não, porém, dotado de mais experiência. A velha raposa não teve tempo de concluir a obra. Experimentou-o muito cedo. Fileto Pires mostrou-se sempre um péssimo discípulo, embora crédulo e cheio de ardente entusiasmo pelo Amazonas. O nosso mal, aqui, é dar muito cartaz aos forasteiros, aos aventureiros de tôda casta. Fileto Pires movimentava-se num ambiente de intrigas palacianas, de competições, num ambiente onde proliferavam arigós ambiciosos que disputavam não sòmente cargos eletivos como principalmente a prioridade de fornecimento ao Estado, sem es-

pecular com os padrões de cultura e honestidade. Os processos utilizados então indignavam aos homens honestos: atas de eleições viciadas, juízes corruptos, desembargadores venais, eleitores forjados, não-nascidos e falecidos que respondiam às chamadas eleitorais etc. Formado nessa escola de bandalheiras oficiais, Fileto Pires Ferreira só poderia ser um produto acabado ou mal-acabado do seu tempo. Não o acusamos, entretanto, de haver cometido os crimes apontados pelos seus juízes, mais tarde, quando deposto. A sua defesa revela nêle um um indivíduo equilibrado e de cultura bem sedimentada. Também um dos seus juízes, o célebre desembargador César do Rêgo Monteiro, depois governador do Amazonas, escreveu um livreco — "Papéis invertidos" ("No templo de Têmis"), defendendo-se das acusações que lhe imputaram, mas nós sabemos a tática usada pela família Rêgo Monteiro para saquear o erário amazonense. A defesa do dr. Fileto Pires não o inocenta, é claro, de umas tantas tibiezas morais, apenas se conclui dela a sua inteligente maneira de operar numa tentativa de inocentar--se. Oficial de engenheiros, epígono de Benjamin Constant, era o homem talhado para braço direito de Eduardo Ribeiro, seu colega de armas e de safadezas memoráveis. Cúmplice. Pelo braço de Eduardo Ribeiro subiu o dr. Fileto Pires. A escada dessa ascenção reta ao prestígio era formada de escalões sujos, falcatruas escandalosas, repugnantes. O dr. Eduardo Ribeiro, realizador de grandes obras no Amazonas, parece haver tido também a preocupação de colecionar tipos como colecionava animais raros importados da América do Norte para a sua famosa chácara da Cachoeira Grande. Forjou o dr. Fileto Pires Ferreira, fazendo-o governador do Estado. A eleição foi fabricada dentro do recinto do Congresso Amazonense, com a conivência rastejante dos congressistas, sob a inspiração direta do dr. Eduardo Ribeiro, o mesmo famoso dr. Eduardo Ribeiro que iria abandoná-lo mais tarde quando o sentisse imprestável aos seus interêsses. O "Pensador" foi o autor da reforma da Constituição política do Estado, reforma que valeu ao Congresso a alcunha ridícula de "Foguetão", outra história sórdida do dr. Eduardo Ribeiro. Essa reforma da Constituição visava levar ao poder os amigos do regime e prejudicar, como prejudicou, os adversários políticos. Por atitudes dêste jaez é que Eduardo Gonçalves Ribeiro se viu atacado, vilipendiado, envolvido no pronunciamento ar-

mado de 27 de fevereiro de 1896. Acabou assassinado misteriosamente (?) quem tantas futricas fêz. Fileto Pires é, pois, fruto temporão da habilidade politiqueira do homem que se diz haver construído Manaus, aliás sem originalidade. Mas um produto que não teve tempo de aperfeiçoar-se, e êste foi talvez o êrro palmar de Eduardo Ribeiro. Êrro de péssimas consequências para o próprio pupilo. A sabedoria popular diz que o mal do prestigiado é o prestigiador. Correto. Talvez o mestre não tivesse tido oportunidades maiores para eliminar as arestas da obra, padronizar o tipo, ou talvez o discípulo exagerasse as lições recebidas, desse muita ênfase ao fato de haver alcançado a curul governamental em plena juventude. Vaidade tola dos balões de oxigênio.

Apanhando-se governador, o dr. Fileto Pires inventa uma viagem à Europa. Uma viagem à Europa, àqueles tempos, era coisa do bom-tom, útil e dispendiosa mas nem sempre aconselhada. Pelo menos desaconselhada no caso do dr. Fileto Pires, um ingênuo tenentinho do exército afundado numa putrilagem devoradora de reputações. Mas o moço dr. Fileto Pires desejava ver Paris, sonho mirífico de todo caboclo alfabetizado: aquela sedução perigosa dos "boulevards", o sortilégio das noites alegres do "Moulin Rouge". Gastar um pouco do dinheiro do povo, dinheiro que entrava aos bolos na repartição arrecadadora, pois o povo, bêsta como sempre foi, não entendia de manobras políticas, nem de mulheres francesas, nem de cariongas deslumbrantes. Sabia lá onde fica Gênova, Londres, Paris? Para essa viagem, que ficou famosa como outras de outros governantes, o Congresso Amazonense votou uma licença especial e mais um crédito suplementar de quinhentas libras esterlinas mensais. Quinhentas sonoras libras, que o dr. Fileto Pires Ferreira, o ingênuo e fátuo governador do Amazonas, deveria deixar na Europa, contribuindo para o toucador de "vamps" perfumadas, para melhorar as rugas marcantes de madamas experimentadas na arte de cambiar dinheiro bêsta do Brasil. Além das quinhentas libras esterlinas mensais, o dr. Fileto Pires Ferreira receberia os seus subsídios de governador e mais a representação ordinária. Vê-se que a coisa era boa naquele tempo. Um sujeito desconfiado recusaria tudo isso, renunciaria Paris, as mulheres, a representação, tudo. Ficaria para ver como pairavam as modas. Não desconfiou da armadilha que lhe estavam preparando. Era ingênuo demais e acredita-

va-se talvez elegido pelos deuses. Foi, sim, mas por um "deus ex machina", um punga que aspirava também a governador do Estado. O dr. Fileto Pires era crédulo demais e talvez honesto nas suas intenções primeiras. Deixava pelo menos os compromissos em dia, tudo em ordem. Borracha pagava trinta (30) réis de impôsto por quilograma exportado, e nesse ano o tesouro arrecadava 9.285 contos de réis! O dr. Fileto Pires sentia-se eufórico e com justo motivo. Época de esplendor, aquela, em que um governante podia declarar na sua mensagem ao povo haver saldado todos os compromissos do Estado e não ter pago ainda aos poucos fornecedores por não terem êles apresentado suas contas.

Fileto Pires, agora respeitado como o "capitão" Fileto, governador Fileto, vai à Europa: Gênova, Monte Carlo, Paris, Londres, que sei eu? Num banquete célebre deita falação ruidosa, compromete a política amazonense. Talvez sob a ação da dourada champanha. Elogia Campos Sales, que não era bem visto pelos maiorais do Amazonas. Coisas de rapaz sem experiência. Talvez tivesse sido êsse o motivo, pensam alguns, da sua forçada renúncia. Eu acredito que o motivo estivesse em Manaus, no palácio do govêrno, com o vice-governador coronel José Cardoso Ramalho Júnior. Talvez o estopim fôsse mesmo aquela história malandra da concessão das obras do pôrto de Manaus. Muitas guelas para comer, muitos candidatos a diversos lugares no banquete do erário público. Safadezas sôbre safadezas. Ramalho em evidência: era a sua oportunidade. Que o dr. Fileto se aviesse lá pelas Europas. Talvez a idéia de mandá-lo espairecer, idéia maluca mas embriagadora, tivesse partido dêle Ramalho. Não se sabe: diz-se que o rapaz governador ia tratar da saúde e por questões de política. Quem vai tratar da saúde não toma parte em banquetes ruidosos. O dr. Fileto Pires deixou-se seduzir pela perspectiva de uns dias bem vividos longe das aporrinhações rotineiras, distante do fantasma da febre amarela, que andava ceifando vidas de nacionais e de estrangeiros.

Naquele tempo o Amazonas não dava muita confiança a política federal nem muito menos ao govêrno central. Impunha-se por dois tipos de prestígio marcante: suas finanças, de que necessitava muito a autoridade suprema do país, senadores e ministros; sua fôrça policial de cêrca de dois mil homens de tôdas as armas, in-

clusive cavalaria, fôrça que acabava de regressar de Canudos coberta de glórias. Um Estado que chegou certa feita a pagar do seu cofre, do cofre público, os subsídios integrais de deputados e senadores do Brasil inteiro porque o Brasil andava de bôlso furado; um Estado que de vez em quando era sacudido numa convulsão revolucionária, indiferente à guarnição federal incipiente e mal armada — merecia ser tratado a paninhos quentes. E ia o "capitão" Fileto Pires comprometer a política local, logo em Paris, o centro do mundo civilizado, num banquete! Elogiar um cidadão por quem não morriam de amôres os donos da máquina eleitoral nativa. Só dando com uma rasteira nesse mocinho impertinente, enfatuado, que em Paris, diante de velhos políticos, de embaixadores e cônsules, de jornalistas credenciados, do próprio Campos Sales, rompia apertados compromissos com a política amazonense, a política da taba, mesquinha e malcheirosa. Vai daí a coisa estourou. Fileto Pires acordou um dia no fôfo colchão de sua cama do "Grand Hôtel" de Paris surpreendido com a notícia escandalosa da sua própria renúncia! Renúncia que em têrmos claros chamamos deposição. Foi deposto, não renunciou. Por quê iria renunciar, o ilustre dr. Fileto Pires Ferreira, governador eleito pelo Estado do Amazonas? Uma revista italiana, "L' Amazzonia", muito bem informada acêrca de todos os problemas econômicos da planície e sôbre as oscilações perigosas da política, e entradas e saídas de políticos na Europa, declara no seu número de 15 de agôsto de 1898 o seguinte, numa longa cobertura do sucesso que comoveu ou deixou indiferente a Europa: "Telegrammi da Manaos alla stampa parigina hanno segnalato in questi giorni una strana notizia: la deposizione dalla carica di governatore dello Stato di Amazonas di S. E. il dottor Fileto Pires, che per ragioni politiche e di salute stava compiendo un viaggio in Europa. La notizia ha prodotto in noi una impressione di stupore ed è naturale. A Genova imparammo a conoscere il dottor Fileto Pires, e potemmo comprendere l'elevatezza della sua mente, la vasta coltura, la bontà dell'animo, l'amore sviscerato alla terra nativa, i cui interessi ha in ogni occasione con orgoglio e fermezza patrocinati, e alla cui prosperità e grandezza egli si è consacrato con tutte le forze".

Todo êsse elogio, tôda a possível admiração e simpatia de que era alvo na Europa o jovem administrador da taba, não impediu que os famintos poetas da sarjeta, assalariados ou não, elevassem até ao seu urgente desfavoritismo rimas insolentes e deboches fesceninos:

"Fileto Pires Ferreira
foi a França por seu gôsto
veio de lá na carreira
gritando que foi deposto."

Não podia deixar de haver estupor. Quem seria o autor, confesso ou anônimo, da brincadeira de conseqüências funestas? Quem seria o autor intelectual da trama? Quem o inspirador da fraude? Hoje nós já sabemos como foi conduzida a célebre falcatrua. Eduardo Ribeiro possuia um senso de humor bem desenvolvido, que os seus panegiristas ignoraram ou esconderam maliciosamente para não turvar-lhe a memória gloriosa. Contudo, a História não perdoa e o historiador, como mero instrumento da sua fôrça tramitante, não se comove nem torce a euritmia dos fatos. Elége-os e interpreta-os ciosamente, mas sem ódios e injustiças. Eduardo Ribeiro, então presidente do Congresso desde 15 de julho, aparece metido na pulhice, talvez como inspirador. Ramalho Júnior, vice-governador do Estado, falsificou a assinatura do dr. Fileto. Como foi executada a trapaça oficial veremos logo mais com os documentos mais característicos. O fato é que a renúncia foi apresentada em sessão do Congresso Amazonense no dia primeiro de agôsto de 1898 e aqui vai ela na íntegra, respeitada a ortografia da época e alguns senões, facilitando-se assim uma oportunidade para o leitor comparar textos diversos, atribuídos a uns e a outros comparsas. Essa estranha e mal trabalhada peça literária estaria consagrada a repercussão internacional. De súbito o Dr. Fileto Pires Ferreira se via um homem envolvido na mais estranha e curiosa história política, transformado em centro de interêsse coletivo, rondado pelos repórteres, lembrado por uns, esquecido por outros, difamado por inimigos eventuais que o cortejavam antes, heroizado por amigos sinceros, criticado, apontado na rua, vítima da sanha feroz dos nulos, alvo da audácia da canalha chocarreira que lhe improvisava versos e chufas rimadas. A tudo isso ficava êle indiferente? Não. Lutava pela reabilitação, mas lutava contra capciosas opiniões e não

contra homens armados. Lutava contra a sabotagem subterrânea e não contra indivíduos armados. Lutava contra a sórdida política e não contra esbirros ou galfarros armados.

Ramalho Júnior, vice-governador do Estado, falsificou a assinatura. Coisa provada. Como foi executada a farça o leitor vai saber logo mais.

"RENUNCIA
Cidadão Presidente e mais Membros do Congresso Amazonense.
Pariz, 27 de Junho de 1898.
Saudo-vos, apresentando-vos os mais sinceros e cordiaes protestos de meu acatamento e respeito para comvosco.
Cumprindo o preceito constitucional venho trazer-vos hoje a renuncia do cargo que exerço n'esse Estado, do qual sois dignos representantes por não me ser possível por motivos de ordem superior continuar a exercel-o.
Vós melhor do que ninguém, sabeis que aceitei essa delegação do povo amazonense depois de reiterados pedidos de todos os nossos amigos; delegação repito, que por mim jamais foi ambicionada e que hoje não o é.
Discipulo de Benjamin Constant, inspirado nos seus ensinamentos é convicção minha que a tolerancia e a tranzigencia deviam ser sempre as qualidades de um homem público.
Fiz tudo o que as minhas forças comportaram e não me accusa a consciencia de me haver afastado da linha que propuz-me seguir. Tomando esta resolução suggerida pelos ditames de meus sentimentos, determinada pelo imperio das circunstancias deixo bem patente aos meus concidadãos que dos cargos que na política occupei apenas me prendiam a vontade e o desejo de por intermedio d'elles ser util ao meu paiz. Crente de que o digno povo amazonense saberá fazer-me a devida justiça, envio-lhe as expressões dos mais ardentes votos que faço pela prosperidade e engrandecimento que lhe asseguram as suas riquezas e o patriotismo acrysolado dos seus filhos.

Saude e fraternidade.

Fileto Pires Ferreira".

Comparando-se êsse documento apócrifo com algumas peças escritas pelo jovem governador deposto, vê-se a fraude primária saltar aos olhos. Se àquele tempo houvesse máquina de escrever talvez a palhaçada oficial tivesse ficado por isso mesmo, seria impossível provar a nulidade do documento, a menos que fôsse submetido a estudos caligráficos, mas a ciência engatinhava à época. Acontece que o próprio dr. Fileto Pires se acusa de haver permitido ao dr. Eduardo Ribeiro a retenção de uma fôlha de papel em branco devidamente assinada. Todavia, não é possível ajustar nem o estilo da mensagem nem a ortografia, aos falados méritos intelectuais do denunciante. O dr. Fileto Pires passava por homem assás culto, embora sejamos obrigados a reconhecer nêle um primário inábil, talvez mesmo um pobre testa-de-ferro do partido, obrigado pelas contingências da política mandatária a uma orientação subserviente. Nós fazemos justiça ao moço deposto porque conhecemos de sobra o valor a longo prazo da camarilha que forjou a renúncia e promoveu outras bandalheiras em série, tão notáveis que transpiraram cá para fora da história. A sua renúncia, qualquer que seja o aspecto que a reveste, foi obrigada por fôrça de opinião partidária; foi forçada por ítens resolutórios partidos não da opinião pública (pobre opinião pública!) mas do consenso tardio do Congresso de fantoches; foi forjada pelos chefes.

O dr. Fileto Pires Ferreira fêz sumárias declarações a respeito, numa entrevista coletiva à imprensa internacional no "Grand Hôtel" de Paris. Acusou a camarilha, apontou nomes. Pronunciou-se corajosamente. Só uma coisa, por enquanto, não lhe perdoamos: foi a mantença de um tipo sórdido como o cavalheiro de indústria Guido de Sousa no cargo de chefe de polícia. Assim se desmoralizam os governos: prestigiando cafagestes, enquanto o povo, cá de fora, o povo que tudo vê e tudo sabe, conhecemos a ficha dêsses malandrins de feira-da-ladra. A História é terrível, não perdoa. Não perdoou nem esqueceu ao dr. Guido de Sousa. O povo em massa compareceu ao seu bota-fora com foguetes de assovio e pedras, descontando-se dos sofrimentos, do sangue derramado, dos assassinatos cometidos, das violações de lares, dos defloramentos e ofensas ao pudor cometidos nessa fase triste da nossa soberania estatal.

Nas suas declarações enfáticas à imprensa européia, confessou o dr. Fileto Pires haver deixado em mãos do dr. Eduardo Ribeiro uma fôlha em branco assinada. São suas estas palavras publicadas por alguns jornais da Europa:

> "Recordo-me de haver deixado nas mãos do senhor Eduardo Ribeiro uma fôlha em branco com a minha firma, ainda quando eu me encontrava na capital federal, com o escopo de defender a sua primeira eleição. Êle deveria apresentar aquela carta acompanhada de uma reclamação a propósito de antiguidade militar. Mas o documento não foi apresentado, enquanto que a fôlha com a minha firma ficou sempre em seu poder, conquanto êle me havia prometido várias vêzes restituir-ma."

Em vista do que ocorreu mais tarde, essa ligeira suposição do deposto não teve cabimento. Não foi verdadeiramente utilizada a fôlha em branco, mas houve conivência da parte do dr. Eduardo Ribeiro na fabricação do documento. A respeito não sobra mais a mais leve dúvida. Então o nosso ídolo, o consagrado autor de tantas obras materiais de vulto não passava de um pecador vulgar como os outros, capaz de uma felonia, capaz de sujar as mãos com um ato revestido de tamanha sordícia. Indisposto com o seu camarada de farda, com o pupilo de dantes, pelas declarações comprometedoras feitas em Paris envolvendo o candidato Campos Sales, resolveu o tuixáua obliterá-lo definitivamente do jôgo. Perigoso estava ficando aquêle rapaz governador. Falava demais, coisa que um político experimentado não deve fazer, pelo menos em público, onde haja ouvidos. Com o travesseiro, vá lá. São confissões secretas.

Pode alguém nesta altura duvidar do estranho procedimento do dr. Eduardo Ribeiro. Mas nós já estudamos muito bem a sua vida de político, e sem exageros, sem pretender macular a sua memória, foi tão pernicioso como outros que desgovernaram esta terra, antes e depois dêle. Todavia, nesta questão da falsificação da firma do dr. Fileto, o historiador não pode dizer sem provas nem supor ao menos. Não podemos provar haver sido Eduardo Ribeiro o autor ou siquer mandatário do ato da renúncia. Mas existem provas concludentes de

estar envolvido na safadeza. Pois se êle já havia, antes, demonstrado sua habilidade em outras malandragens! Quem promoveu a reforma da Constituição para dela aproveitar-se? Quem o presidente do famoso Congresso "Foguetão?" Quem o autor da inversão do resultado das eleições para governador, em que saiu beneficiado o tenente dr. Fileto Pires Ferreira? Eduardo Gonçalves Ribeiro, o "Pensador", o homem que ajudou (e apenas ajudou) a construir Manaus. A história se repete. O mesmo falanstério da tribo dos Ribeiros, Ramalhos e Ferreiras que elegeu "intra muros" ao dr. Fileto Pires, êsse mesmo falanstério aplicou-lhe, de pronto, a severidade legal do ordálio: proscrição ou morte para o desfavorecido. Derrubaram-no do poder como se põe a baixo um castelo de cartas. E o excelente governador caiu tão completamente que não houve razão ou fôrça legal ou militar que o ajustasse ao jôgo novamente. Fileto Pires Ferreira ingênuamente contava com o auxílio de 996 homens armados e equipados para decidir a parada em Manaus. Andou alardeando prestígio e capacidade. A sua tropa, se é possível acreditar nela, era na verdade suficiente para enfrentar a guarnição federal e a flotilha de guerra, aliás naquele tempo sempre às voltas com movimentos dessa natureza. Mas estaria com êle no momento crítico dos pronunciamentos? Apesar da solidariedade mantida pelo governador do Pará, dr. Pais de Carvalho, cujo declarou à imprensa não reconhecer o govêrno títere (títere é nosso, desculpe o leitor) do coronel Ramalho, a coisa acabou como sempre acaba quando se trata de politiquice ordinária: Fileto Pires ficou na rua falando só.

"Capitão Fileto Pires
O homem de opinião
Saiu daqui com dinheiro
Voltou sem nenhum tostão
Entrou de rodaque e botas
Acabou de pés no chão."

A história maquiavélica daquela renúncia poderia supor duas hipóteses maleáveis: primeira — Eduardo Ribeiro zangou-se com o pupilo por motivo daquele elogio público desatado em favor do dr. Campos Sales; segunda e mais provável — o coronel Ramalho sabotou o prestígio do moço governador para ficar restando à testa do govêrno. Isto não constitui novidade. Em todo caso abriu precedência. Aconteceu em 1910, com o coronel Antônio Cle-

mente Ribeiro Bittencourt, historiazinha fabulosa que contaremos também, mais tarde, ao comprido, com detalhes pitorescos. Conclui-se portanto: a) ou o dr. Eduardo Ribeiro socorreu-se da sua influência e prestígio para derrubar o pupilo; ou b) o coronel Ramalho Júnior agiu por conta própria, falsificando a assinatura do prejudicado. Quem foi? Andei barafustando na minha livraria particular até encontrar a pista. Logo após haver tido conhecimento do ato de sua "renúncia", o dr. Fileto Pires Ferreira telegrafou, já de Belém (Pará), onde chegou pelo navio "Obidense" da Red Cross Line, via Londres, depois de quinze dias, no dia 6 de agôsto, aos seus caros amigos de Paris:

> "Fantasiaram officio renuncia datando Paris 27 Junho, falsificando firma. Diga Demetrio prevenir d'Atri. Opinião publica reagiu indignada. Paes Carvalho não reconheceu governo Ramalho. Espero intervenção federal. Peça certidão telegrama questão porto que passei Ramalho. Mande copia telegrapho. Fileto".

Não houve a esperada intervenção federal, outra publhice histórica de deputados e senadores. Em todo caso foi despachado o couraçado "Benjamin Constant", sob o comando do capitão M. Duarte Houet, guarnecido por quinhentos homens, a fim de manter-se de prontidão, prevendo motim. Prudente de Morais e Campos Sales, que no deflagrar da confusão haviam cogitado de restabelecer o govêrno do dr. Fileto Pires Ferreira, acabaram recuando diante, parece, do resultado do apoio do Congresso nacional, 65 votos contra; 52 a favor da intervenção. Alegaram posteriormente o princípio de soberania do Estado. Para cúmulo da desgraça o dr. Fileto Pires Ferreira era na oportunidade acusado judicialmente de prevaricação, peculato e subôrno, de acôrdo com a lei de 5 de outubro de 1892, que regulava as responsabilidades do governador. Não bastando isso, a imprensa adversária dava curso a boatos indecentes, procurando inimistar a pessoa do deposto com a colônia estrangeira no Amazonas. O dr. Fileto Pires, numa entrevista concedida ao jornalista Antonio Chermont, redator da "Província do Pará", declarou seu apoio franco e leal ao govêrno central no caso da revolução de Canudos, ser contra o separatismo e aceitar francamente o programa político exposto pelo dr. Campos Sales. Declarou também que em Manaus, à época, reinava o terror, depois da deposição do chefe de polícia Guido de

Sousa, ameaças de coação física, deputados insultados, prisioneiros no próprio lar, outros fugidos para fora do Estado. Deveriam ser os seus amigos partidários, inclusive o pulha dr. Guido de Sousa.

O espaço não nos permite uma divagação a longo prazo sôbre êsse famoso processo que seria outra farsa destinada a amordaçar o ex-governador, farsa em que tomaram parte cidadãos da rodinha de Eduardo Ribeiro, a exemplo do engenheiro João Ribas, o homem que traçou os planos urbanísticos de Manaus, do médico Ermenegildo de Campos, dos doutores Ildebrando Antoni e César do Rêgo Monteiro. Além dêstes apontamos os nomes dos componentes restantes: Vilar Coutinho, Assunção Menezes, Sindulfo Santiago, Agapito Pereira, que, com o desembargador Rêgo Monteiro completavam a turma de magistrados superiores; Joaquim Cândido, Ferreira Lisboa, Menélio Pinto eram juízes de direito; Deoclécio Campos, Eugênio Vilar, Serapião Aguiar, Pedro Cordeiro, Ermenegildo Campos, João Ribas e Ildebrando Antoni. congressistas. Acrescente-se a êste rol os nomes dos senhores Guido de Sousa, secretário da Segurança Pública, Raul de Azevedo, secretário de Estado, que não tomaram parte no processo mas eram pessoas da casa civil do deposto e que no dia seguinte à deposição estavam voltados contra o amo da véspera. Diz um foliculário da época: "Não se viu ainda nesta terra posição mais degradante, mais triste, nem mais humilhante do que a de Raul no dia em que o povo acompanhando Eduardo Ribeiro, do Congresso a Palácio, ia cumprimentar ali o coronel Ramalho Júnior pelo ato de renúncia de Fileto."E mais logo a resposta sórdida do coronel Ramalho a quem o interpelava a respeito da posição canhestra do jornalista e político Raul de Azevedo: "Que quer que eu faça? O homem não tem vergonha nem dignidade; já estou cansado de lhe dar a entender de que deve retirar-se, êle não quer sair, vou dizer ao Pedro para o despedir". Em que companhia andava o moço dr. Fileto Pires! E como se rastejava já naquele tempo atrás de um ossinho político! Essa do Raul me faz lembrar certo pândego que se aferrou a um osso com unhas e dentes e não o larga por nada dêste mundo. Prefere ser despejado.

O discípulo de Benjamin Constant acabava por ser ameaçado por um navio de guerra que por uma dessas fatalidades se chamava também "Benjamin Constant". Era discutido na rua, no botequim, no jornal, no lar, nos antros de libertinagem, sustentados pelo coronel Ramalho Júnior e pelo honesto dr. Eduardo Gonçalves Ribeiro:

EDUARDO GONÇALVES RIBEIRO
PRESIDENTE DO CONGRESSO DO ESTADO DO AMAZONA

Cel. (da Guarda Nacional) José Cardoso Ramalho Júnior, vice-governador do Estado do Amazonas e Deputado estadual à época.

Firmas dos "três grandes"
Extraídas de documentos oficiais
da época

Capitão do Exército dr. Fileto Pires Ferreira , Governador Constitucional do Estado, renunciado à força

"Acabou-se a valentia
Do tenente pé no chão
Quando chegou o navio
Conduzindo o batalhão
Pra garantir o govêrno
Contra o Fileto ladrão."

Chegamos ao climax da nossa reconstituição histórica sôbre documentos escritos e orais. A prova da safadeza do dr. Eduardo Ribeiro, mancomunado com o coronel Ramalho Júnior, vem no opúsculo do tenente Fernando Guapindaia, extraído do processo aberto no Rio de Janeiro. Entre muitas e várias coisas lê-se isto: "3.a Testemunha" Fernando Guapindala de Sousa Brejense, natural do Estado do Maranhão, casado com 34 anos de idade, tenente do exército, residente em Manaus, de passagem nesta capital, aos costumes disse nada. Testemunha prometida na forma da lei de dizer a verdade do que soubesse e lhe fôsse perguntado e inquerida sôbre petição lida, disse: Que sabe, por se ter passado em sua presença no palácio do govêrno do Estado do Amazonas, que o ofício de renúncia lido ao Congresso do Amazonas e por fôrça do qual ficou privado o capitão Fileto Pires Ferreira do exercício do cargo de governador foi feito em Manaus e em presença dêle testemunha.| Que o justificante se achava então na Europa no gôzo de licença; Que o ofício fôra escrito pelo cidadão Aristides Emídio Bâima, sendo assinado pelo vice-governador José Cardoso Ramalho Júnior, que para êsse fim exercitou-se, por diversas vêzes, na imitação da firma do justificante.| Que em presença da testemunha e do referido Bâima e de outras pessoas, o mesmo Ramalho declarou por ocasião de um almôço, ter sido o autor da referida falsificação e não guardar a respeito a menor reserva; que quanto acaba de depor é público e notório em Manaus, e que a testemunha tem pleno conhecimento dos fatos por tê-los presenciado como freqüentador que era do palácio do govêrno, na qualidade de deputado estadual e amigo político da situação.| Reinquerida, disse que, além dêle testemunha, presenciaram o fato da falsificação outros cavalheiros, de cujos nomes se pode lembrar de momento e foram: dr. Alfredo Jesus Ferreira, Aristides Emídio Bâima, dr. Eduardo Gonçalves Ribeiro, Manuel Béttencourt e Fábio Saldanha, todos quais militam na mesma

agremiação política, como êle testemunha; que atualmente, ainda pertencendo a essa agremiação, não tem, contudo, simpatias pelo govêrno do referido vice-governador Ramalho Júnior, isso pela forma por que tem êle conduzido os negócios públicos."

Além dessa testemunha, falaram ainda: Alfredo Alexandre de Jésus Ferreira, Aristides Emídio Bâima, que disseram a mesma coisa, apenas omitindo o nome do dr. Eduardo Ribeiro. Aquêle Aristides Emídio Bâima é sem dúvida a testemunha mais preciosa da história porque coube a ela escrever, isto é, falsificar a renúncia: "Que estando no palácio do govêrno do Estado do Amazonas foi chamado pelo sr. vice-governador em exercício para copiar em uma fôlha de papel, sem assinatura, o documento pelo qual o dr. Fileto Pires Ferreira, renunciava seu cargo; finda a sua cópia, o mesmo vice-governador "assinou" (sic) o referido documento com a assinatura do justificante". "que o vice-governador Ramalho Júnior, não fêz absolutamente mistério em declarar que o ofício da renúncia atribuído ao justificante foi obra exclusivamente de sua lavra".

Portanto a suspeita do dr. Fileto Pires, de que houvessem aproveitado uma fôlha em branco com a sua assinatura, desculpa o dr. Eduardo Gonçalves Ribeiro da fraude mesma, mas não da participação direta nela, uma vez que estava presente quando se processou a falcatrua e não houve protesto de sua parte, enquanto que ao coronel Ramalho Júnior cabe a culpa total de haver falsificado o documento, apropriando-se ilegalmente do govêrno do Estado. É assim que se contam as histórias. Mas quem devia gozar mais tarde com a ruína total do dr. Fileto Pires era o dr. Gregório Taumaturgo de Azevedo, tambem militar (disputou quando marechal contra o Rêgo Monteiro a governança do Estado). Na época em que o dr. Gregório era governador do Estado (1892), o então tenente do exército Fileto Pires Ferreira, em comissão, foi a palácio pedir e exigir a renúncia do dr. Taumaturgo de Azevedo. Dí-lo o dr. Almino Álvares Afonso no seu sumário do movimento de 14 de janeiro de 92: "Fala "contra" o sr. tenente Fileto, que aconselha ao sr. governador a renunciar, por ser êste o caminho único por onde êle podia voltar ao seio dos seus camaradas, com honra e dignidade. Nega que o govêrno do sr. Taumaturgo seja "constitucional". Diz que êle, aderindo ao ato de 3 de novembro tinha se tornado "criminoso" e que por dignidade, devia acompanhar ao brioso general Deo-

doro na digna resolução que tomou, deixando o poder. Disse mais que a fôrça federal "nada tinha que ver" com os acontecimentos do Estado, senão para manter a ordem; e que "não podia estar às ordens" do governador, para espaldeirar e espingardear o povo. Com isto concordaram "todos os oficiais" presentes".

A transcrição dêsse trecho teve dois objetivos: mostrar que essa história de renúncia forçada no Amazonas vem de muito dentro; patentear o caráter ponderado do jovem governador deposto.

Fontes de informação:

Calamai, Oreste — L'Amazzonia. Rivista bimensile. Organo degli interessi dell' Amazzonia. Gênova, números 3 de 15 de agôsto de 1898; 4 de 1.o de setembro de 1898; 7 de 15 de outubro de 1898; 8 de 1.o de novembro de 1898.

Ferreira, Fileto Pires — "O caso do Amazonas", 1898.

Talião (pseudônimo) — "O passado", 1902.

Guapindaia, Fernando — "O Amazonas". "Os escandalos da administração do sr. José Cardoso Ramalho Júnior", 1900.

Afonso, Almino Álvares — "Discurso pronunciado no Congresso Federal na sessão de 8 de agôsto de 1892," 1893.

Os grifos são do autor da obra.

NOTA: os versos populares chegaram até hoje fragmentados, via oral, e me foram comunicados por pessoa que, por enquanto, prefere ficar anônima.

dera na digna resolução que tomou, deixando o poder. Disse mais que a fôrça federal nada tinha que ver com os acontecimentos do Estado, senão para manter a ordem; e que "não podia estar às ordens do governador para espaldeirar e espingardear o povo". Com isto concordaram "todos os oficiais" presentes.

A transcrição dêste trecho tem dois objetivos: mostrar que essa história de renúncia forçada no Amazonas vem de muito distante e patenteia o caráter ponderado do jovem governador deposto.

Fontes de informação:

Calamai, Oreste — L'Amazzonia, Rivista Mensile Organo degli Interessi dell'Amazzonia. Genova, números 3 de 15 de agôsto de 1898; 4 de 1.o de setembro de 1898; 7 de 15 de outubro de 1898; 8 de 1.o de novembro de 1898.

Ferreira, Fileto Pires — "O caso do Amazonas" 1898.

Tallião (pseudônimo) — "O passado" 1902.

Guapindaia, Fernando — "O Amazonas" "Os escândalos da administração do sr. José Cardoso Ramalho Júnior" 1900.

Afonso, Almino Alvares — "Discurso pronunciado no Congresso Federal na sessão de 8 de agôsto de 1897" 1897.

Os grifos são do autor da obra.

NOTA: os versos populares circularam até hoje, transmitidos, via oral, e me foram comunicados por pessoa que, por enquanto, prefere ficar anônima.

DO AUTOR, NESTA COLEÇÃO

PLAQUETAS

1 - PRESENÇA DO ÍNDIO NA CULTURA AMAZONENSE. Editado.

2 - SADOC PEREIRA, POETA SATÍRICO. Editado.

3 - GUERRA JUNQUEIRO E OS CONFLITOS PAREADOS. Editado.

4 - A RENÚNCIA DO DR. FILETO PIRES FERREIRA

5 - UM LIVRO NOCIVO: *MA FORÊT AU BORD DU GRAND FLEUVE*

7 - A MURAIDA

9 - ÉDIPO E A ESFINGE

19 - DR. ADELINO CABRAL DA COSTA. ESCORÇO BIBLIOGRÁFICO. Editado.

FORMATO GRANDE

6 - DANÇAS FOLCLÒRICAS SINGULARES DO AMAZONAS

8 - 1930. MEMORABÍLIA. A AGOSTADA GINASIANA

10 - FALANDO DE FOLCLORE

Comunicado

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas e da região Norte. O uso deste documento é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais – Lei n. 9.610/98.

Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõe a rede de Bibliotecas Públicas do Estado do Amazonas.

Contato

E-mail : acervodigitalsec@gmail.com

Av. Sete de Setembro, 1546 - Centro
69005.141 Manaus - Amazonas - Brasil
Tel.: 55 (92) 3131-2450
www.cultura.am.gov.br

Secretaria de
Cultura